

Ainda sabemos ler



Explorador, viajante, peleador, Portugal foi um dos mais prolíficos produtores de mapas da segunda metade do passado milénio. Muitos contam grandes epopeias, mas também histórias de manipulação política e jogos diplomáticos. Viagem à cartografia da Biblioteca Nacional. *Rute Barbedo (texto) e Nuno Ferreira Santos (fotos)*

● Daqui a algumas décadas (ou menos ainda) talvez sejam muito poucos os que ainda saibam ler mapas, orientar-se com um pedaço de papel, decifrar os pontos cardeais. Uma voz computadorizada - a do GPS - diz-nos, a cada segundo, se devemos virar à esquerda ou à direita, sem que para isso tenhamos de saber onde estamos. O que diriam sobre isto o português Álvaro Seco ou o belga Ortelius, grandes cartógrafos do século XVI, para quem foi preciso primeiro traçar a terra com os pés e depois usar a matemática e a geografia para cons-

truir documentos que marcam a história das viagens? “Eram tarefas em que eles tinham de ir de burro, pelo país inteiro, medir o ponto mais alto, os rios... Todo o trabalho que está por detrás é absolutamente inacreditável”, nota Maria Joaquina Feijão, responsável pela Área de Iconografia e Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

Os corredores do depósito são frios, desbotados, secos. Um arquivo é um arquivo. Mas assim que Joaquina Feijão começa a fazer deslizar as primeiras gavetas, de onde saem cartas náuticas cheias de

mapas?



linhas de rumo ou mapas de Portugal com uma orientação *sui generis*, o arquivo ganha vida. “Em termos quantitativos, a coleção da BNP não se compara com a da Biblioteca Nacional de França, a British Library ou a Biblioteca Nacional de Espanha, e pode até parecer modesta...”, assume a responsável. Mas entre os principais cartógrafos e marcos estão muitos nomes portugueses (muitos associados à experiência da navegação), representados num espólio que tem atraído investigadores desde o Golfo Pérsico ao Japão.

Há muito mar, como o que está representado na Carta do Atlântico Norte, elaborada perto de 1550 por Lopo Homem e a primeira que nos mostra a nossa guia. “É a representação de um dos mapas dos Descobrimientos. São sempre mapas especiais, com linhas de rumo e sobretudo a sinalização da costa, porque são feitos para navegar. São cartas de luxo, feitas para oferecer a monarcas, por exemplo. Estou convencida de que as que andavam nos barcos não teriam este luxo.”

“Partes dafrica.” Assim se lê no canto inferior direito do pergaminho. Sobre essa África Ocidental,

Na Biblioteca Nacional guardam-se muitos tesouros cartográficos; ao lado, Lisboa: vista e perspectiva da barra costa e cidade de Lisboa e Mapa da demarcação diamantina

PEDRO GASTÃO



Vinte mil euros em dez anos

Nos últimos 10 anos, a BNP investiu cerca de 20 mil euros na aquisição de exemplares cartográficos, na sua maioria aparecidos em leilões, mas também nas mãos de livreiros ou de colecionadores privados. “Pode parecer pouco”, mas surgirem no mercado mapas de particular interesse é uma raridade, explica a responsável pela Cartografia. Chegaram, no entanto, a escapar alguns à BNP por falta de verba. Joaquina Feijão partilha algumas das conquistas mais recentes:

Lisboa: vista e perspectiva da barra costa e cidade de Lisboa..., 1763 – Uma vista de Lisboa anterior ao Terramoto, manuscrita, de Bernardo de Caula.

Mapa da demarcação diamantina – Um raro mapa manuscrito da região diamantina, no Brasil.

Carta marítima do Cabo de S. Vicente até a Baía de Lagos, cerca de 1800 – Uma carta marítima manuscrita, de Baltazar de Azevedo Coutinho (1765-1823).

Notícia e mappa da nova Villa de Oeiras no Reino de Angola, 1776 – Um mapa manuscrito de uma localidade angolana

Um exemplar da primeira impressão dum mapa de Portugal, de Fernando Álvares Seco (fl. ca 1559-1561) - [Portugal]. Roma : Michaelis Tramezini, 1561.

erguem-se três bandeiras do Reino de Portugal, no mundo imperial de meados do século XVI. São a parca informação do interior, contra a presença de dezenas e dezenas de localidades costeiras. “As cores em que a toponímia está escrita também dão informação. Por exemplo, os locais mais perigosos estão a vermelho ou têm cruces. E não há muita informação do interior, porque não interessava”, explica Joaquina Feijão.

Muitas vezes passava-se o mesmo em terra firme, não tanto em relação aos mares e oceanos, mas à rede hidrográfica, à qual era dada a maior importância. Em terra, Portugal foi novamente um importante produtor (ainda hoje a cartografia militar nacional recebe prémios internacionais). “Fomos um dos primeiros países a ter um mapa com a representação da totalidade do território, no século XVI”, afirma Joaquina Feijão, fazendo-nos regressar ao documento de Álvares Seco.

A intenção da perspectiva

Estávamos em 1559 e D. Sebastião era rei recente (tinha subido ao trono dois anos antes). Preparava-se, então, uma embaixada a Roma para tratar de assuntos de Estado, liderada por Lourenço Pires de Távora, o homem que chegou à base do sumo pontífice com um presente estendido ao cardeal Guido Sforza: o mapa de Fernando Álvares Seco, matemático e cartógrafo, que assinou a dedicatória: “*Sebastianus a Regibus Clodiensis in aere in[n]cidebat ; Michaelis Tramezini formis, cum Summi Pontificis ac Veneti Senatus privilegio.*” Era um acto diplomático comum à época. “A oferta de mapas tinha uma simbologia enorme”, sublinha Joaquina Feijão.

Sempre foi “caríssimo” fazer um mapa. O saber, o tempo e o esforço a ele associados dotam o objecto de um alto valor. Por outro lado, a cartografia permite ter em mãos uma arma poderosa: o conhecimento do território. “É uma coisa sem a qual não se consegue planear nem fazer nada”, frisa a responsável. Daí que o mapa, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, fosse um documento de grande peso político. No de Álvares Seco, Portugal - ou seja, Lusitânia - surge deitado (Minho à direita, Algarve à esquerda) e não é por →

Cartografia

acaso. É assim que se apresenta convincentemente como a “cabeça da Europa”, perante Roma, seu destinatário.

Uma opção incomum? Nem por isso. “Embora nos tenhamos habituado a que os mapas estejam orientados a Norte, não existe nenhuma razão puramente geográfica para que a orientação de um mapa seja melhor do que outra. Nos mapas antigos, as orientações são diversificadas, algumas consignadas pelas práticas (as cartas náuticas, em que, dado o uso das bússolas, contemplavam sempre o eixo Norte-Sul), outras determinadas por razões ideológicas e/ou religiosas da concepção do espaço. Nos mapas medievais judaico-cristãos, por exemplo, as representações aparecem orientadas a Leste, com Jerusalém ao centro, a Ásia em cima, a Europa em baixo, à esquerda, e a África à direita”, contextualiza Joaquina Feijão.

Esta será a primeira qualidade do mapa a saltar à vista do leitor comum. A segunda é a sua boa rede

viária, chamemos-lhe assim. Das mãos de Álvares Seco, Portugal saiu cravado de artérias, é um território ramificado, rasgado pela água, como se os rios formassem uma mancha quase maior do que a terra e supondo uma certa insignificância das localidades (que, ainda assim, são centenas, entre cidades, vilas e aldeias). “Os rios eram as estradas da altura”, refere a responsável, e nesta representação do cartógrafo português os investigadores têm encontrado uma exactidão espantosa, tendo em conta o conhecimento da época. “Uma das suas características mais notáveis é a abundância e a boa qualidade do traçado da rede hidrográfica”, escreveu Suzanne Daveau, uma das geógrafas que mais se dedicou ao documento.

Pelo rio Ave, vamos dar a Vila do Conde, não longe de Zurara (Azurara). Acima, vemos Viana do Castelo com a importância de Caminha, passamos os olhos por Pote da Barca (Ponte da Barca), chegamos ao Douro interior pel’As Caldas de Regos (Caldas de Arêgos), Feiram



Na Biblioteca Nacional estão reservados mais de 7000 títulos, entre cartas náuticas e terrestres, atlas, roteiros turísticos

(Feirão) e subimos até Lamego - aqui maior do que Guimarães, com a relevância de Braga. Descendo pela serra de Montemuro para Viseu, chegamos mais tarde a Mateigas (Manteigas), Belmonte (Belmonte), voltamos ao litoral para Syntra (Sintra), Cezimbra (Sesimbra), Antre Teio e Guadiana (Entre o Tejo e o Guadiana), Sinis (Sines), as grandes Beja e Évora, e Mochique (Mochique), naquele Algarve semicortado de um mapa que foi muito maltratado antes de chegar a esta colecção.

Mais de 7000 exemplares

Saídos de Lusitânia, voltamos aos corredores do depósito, onde as luzes se apagam à ordem do temporizador. Luzes com muita pressa para mapas centenários. Joaquina Feijão continua a abrir gavetas, mostra pergaminhos enrolados e atlas de capa dura abertos a meio. Todos eles com diferenças consideráveis relativamente às medições do presente, claro, mas com uma aproximação

que continua a surpreender, como no caso das criações de Ptolomeu, o grego que calculava as medidas da Terra a grandes distâncias (nunca por ele pisadas ou navegadas), tendo vivido entre 90 e 168 d.C.. Como conseguia ele fazer isso? “Não se sabe.”

Em grande parte, é o mistério que abre o caminho para a investigação. Na BNP estão reservados mais de 7000 títulos (a colecção poderia ser ainda mais completa, não tivesse o terramoto de 1755 destruído uma boa maquia de manuscritos e impressões então depositados no arquivo da Praça do Comércio), entre cartas náuticas e terrestres, atlas, roteiros turísticos, planos militares ou plantas urbanas, mapas propagandísticos do Estado Novo, os que foram usados como ferramentas para tratados, os roteiros para grandes viagens automobilísticas cujas estradas foram sofrendo desvios e interrupções com o tempo, até hoje. São documentos de como temos sido e neles não falta caminho para explorar.



Das cidades à propaganda

Da cartografia náutica aos atlas, mapas de Portugal e regionais, planos de batalha, roteiros turísticos, mapas celestes e até humorísticos (impressos e manuscritos), a colecção da Biblioteca Nacional reúne mais de 7000 títulos. O catálogo online, bastante completo, é acessível ao leitor comum. Já as leituras presenciais podem ser solicitadas mediante condições especiais. Eis alguns dos

exemplares mais relevantes da colecção e respectivos “lugares digitais”:

- **Carta do Atlântico Norte**, atribuída a Lopo Homem, manuscrita em cerca de 1550. <http://purl.pt/5053>

- **Reprodução fac-similada do Atlas Universal**, atribuído a Fernão Vaz Dourado e assinado em Goa em 1571 (o original está no Arquivo Nacional da Torre do Tombo). <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162624>

- **Civitates orbis Terrarvm**, desenhado pelo alemão Georg Braun e um sucesso publicado entre 1572 e 1618. Trata-se de uma representação, em atlas, de muitas das principais cidades do mundo, em que Portugal aparece representado por Braga, Coimbra e Lisboa. <http://purl.pt/12394>

- **Portugal, de Fernando Álvares Seco (1561)**. É a primeira edição impressa conhecida de um mapa de Portugal. Um exemplar raro, do qual se conhecem apenas 20 no mundo, adquirido

pela Biblioteca Nacional em 2010. <http://purl.pt/16623>

- **Reino de Portugal**, de João Teixeira Albarnaz I, elaborado em cerca de 1640 em seis



folhas de pergaminho coladas. É o mais antigo manuscrito conhecido de um mapa de Portugal e foi doado à BNP em 2007, pela Fundação Calouste Gulbenkian. <http://purl.pt/23505>

- **Portugal não é um país pequeno**: superfície do império colonial português comparada com a dos principais países da Europa, um exemplar curioso de propaganda da autoria de Henrique Galvão (1935). <http://purl.pt/11440>